



---

## Trajetórias de mudança do passado imperfectivo no português: entre o aspecto e a modalidade

Raquel Meister Ko. Freitag (UFS)

**RESUMO:** O português vem passando por mudanças no paradigma verbal quanto à expressão de valores de tempo, aspecto e modalidade. Com base nos pressupostos do funcionalismo americano (GIVÓN, 2001; HOPPER, 1991; BYBEE et alii, 1994) e analisando quantitativamente dados de fala do banco de dados VARSUL, objetivamos traçar a trajetória de mudança para as formas que expressam passado imperfectivo no português em dois sentidos: i) do aspecto estrito para o aspecto genérico e ii) da modalidade ao aspecto. Os resultados quantitativos corroboram trajetória de abstração unidirecional da gramaticalização e, em função da faixa etária dos informantes, há evidências de mudança em tempo aparente.

Palavras-chave: gramaticalização; categorias verbais; mudança linguística.

### Introdução

Tempo, aspecto e modalidade são domínios funcionais direta ou indiretamente ligados a verbos. A complexidade desses domínios funcionais decorre do fato de as categorias verbais serem elementos gramaticais fortemente dependentes do contexto e as fronteiras nem sempre serem claras e precisas, impossibilitando a dissociação de um domínio do outro. O paradigma modo-temporal do português tem passado por alterações, como o predomínio do uso da forma perifrástica para codificar o tempo futuro do presente, uso da forma do pretérito imperfecto para representar o tempo futuro do pretérito, uso da forma do pretérito perfeito para representar o tempo pretérito mais-que-perfeito, e forma do presente do modo indicativo em contextos normatizados como de modo subjuntivo (CAMPOS; RODRIGUES; GALEMBECK, 1993; RODRIGUES et alii 1996; COSTA, 1997; SILVA, 1998, GORSKI et alii, 2002; CARDOSO; PEREIRA, 2003; COAN, 1997; 2003; GIBBON, 2000; LONGO; CAMPOS, 2003, FREITAG, 2007, entre outros). Já no paradigma temporal-aspectual, observa-se a alternância entre as formas verbais como as destacadas em (1).

- (1) Depois me aborreci, não era o tipo de serviço que eu *estava querendo*, aí passei a ser funcionário do Banco Econômico, *trabalhava* no setor de transporte de malote. (SC FLP MAP 02)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> A sigla refere-se à identificação da entrevista de onde foram coletadas as ocorrências. O corpus é constituído por 36 entrevistas de Florianópolis, uma das cidades do Banco de Dados VARSUL (Variação Linguística

Em (1), *estava querendo*, forma perifrástica constituída por *estar*IMP + *Vndo* (PPROG), e *trabalhava*, pretérito imperfeito do indicativo (IMP), são situações passadas que são apresentadas como em curso (continuativas), função semântico-discursiva denominada de “passado imperfeito”, detalhada mais à frente. Aparentemente, as formas podem ser intercambiadas sem que haja mudança no valor de uso, como em (2).

(2) Depois me aborreci, não era o tipo de serviço que eu *queria*, aí passei a ser funcionário do Banco Econômico, *estava trabalhando* no setor de transporte de malote.

Neste estudo, são discutidas duas possíveis trajetórias de gramaticalização do passado imperfeito no português: i) do aspecto estrito ao aspecto genérico; e ii) da modalidade ao aspecto.<sup>2</sup> Primeiramente, são apresentados e discutidos os valores do passado imperfeito. No segundo momento, são propostas as trajetórias que, ao final, são cotejadas com os dados quantitativos coletados para a investigação.

### 1. Valores do passado imperfeito

O passado imperfeito apresenta um valor semântico-discursivo que se caracteriza por expressar uma situação que apresenta as seguintes propriedades: i) é anterior ao momento da enunciação; ii) é concomitante a outra situação que se torna seu ponto de referência; e iii) apresenta-se como em andamento em relação ao ponto de referência.

(3) Na época que eu mais precisei dele, que eu mais *precisava* de um apoio, foi quando a minha mãe morreu. (SC FLP FAP 03)

(4) Aí também foi na época que a gente voltou, a gente *estava precisando* economizar pra começar nossa vida. (SC FLP FAP 01)

Em (3), a situação *precisava* é anterior ao momento de fala e ocorre concomitantemente a um ponto de referência, estabelecido pela oração subordinada adverbial temporal “*quando a minha mãe morreu*”. A situação, apesar de já ter ocorrido, é apresentada como em andamento em relação ao ponto de referência; na oração anterior “*Na época que eu mais precisei dele*”, o mesmo item lexical é apresentado como perfectivo, valor associado à forma de pretérito perfeito (PP). Em (4), a situação *estava precisando* também se refere a uma situação passada – anterior ao momento de fala – e concomitante a um ponto de referência, também passado: “*Aí também foi na época que a gente voltou*”. Observe-se que com o mesmo item lexical, no mesmo contexto, com o mesmo tipo de ponto de referência (oração temporal), duas formas para expressar passado imperfeito podem ser utilizadas: IMP e PPROG.

---

Urbana na Região Sul do Brasil), estratificadas quanto ao sexo, três faixas etárias, e três faixas de escolarização. As duas primeiras letras referem-se ao estado (Santa Catarina), as três letras seguintes referem-se à cidade (Florianópolis) e o número é o número do informante. A sigla seguinte informa o sexo do falante (F para feminino e M para masculino), a faixa etária (J para 15 a 21 anos, A para 25 a 49 anos e B para mais de 50 anos) e o tempo de escolarização (P para 2 a 4 anos, G para 5 a 8 anos e C para 9 a 11 anos).

<sup>2</sup> A abordagem proposta para esse fenômeno é funcionalista, pois parte-se de uma função de “passado imperfeito”. Para lidar com o fato de IMP e PPROG potencialmente poderem desempenhar a mesma função, é preciso considerar: i) a noção laboviana de “mesmo significado” (LABOV, 1972); ii) a noção de “domínio funcional” (GIVÓN, 1984); e iii) o controle de fatores/matizes semântico-pragmáticos via variável independente. (cf. FREITAG, 2009)

Para, inicialmente, entender as propriedades caracterizadoras do passado imperfectivo, é preciso considerar a teoria de tempos verbais de Reichenbach (1947) e a noção de aspecto perfectivo e imperfectivo de Comrie (1976). Reichenbach propõe um modelo de estruturação temporal baseado na ordenação de três pontos: o momento de fala, o momento da situação e o ponto de referência. Temporalmente, o passado imperfectivo está relacionado com uma situação que ocorreu anteriormente ao momento de fala e simultaneamente a um ponto de referência (também passado).

Quanto ao aspecto, de acordo com Comrie (1976), o *imperfectivo* está relacionado à impossibilidade de se determinar os pontos inicial ou final da situação, com foco voltado ao seu desenvolvimento, em contraponto ao *perfectivo*, que enfatiza os pontos inicial ou final da situação. O *imperfectivo* também é uma característica de um período de tempo que inclui o ponto de referência, como uma situação habitual. É usado em situações de fundo, ao contrário do *perfectivo*, que codifica situações de figura (sequências de eventos). O *imperfectivo* é o sentido mais geral e mais abstrato da aspectualidade. Há um sentido aspectual mais específico, o *progressivo*, do qual derivam os demais sentidos, até o *imperfectivo* genérico, que afrouxa as exigências semânticas para a determinação das nuances da imperfectividade, e pode recobrir todos os valores aspectuais do *imperfectivo*.<sup>3</sup> Considerando a oposição específico/genérico, as nuances da imperfectividade podem ser distribuídas em função de uma trajetória de gramaticalização, que pode dar pistas de como se deu a generalização/expansão dos contextos de uso das formas na expressão do passado imperfectivo. O domínio aspectual do *imperfectivo* pode ser subespecificado em nuances de imperfectividade, que são definidas em função de dois traços básicos: o *intervalo da estrutura temporal* e a *recorrência da situação*, os quais, combinados entre si, resultam no quadro 1.<sup>4</sup>

Recorrência da situação	Intervalo da estrutura temporal		
	Determinado		Indeterminado
	pontual	Estendido	*
Uma vez	<i>Progressivo</i>	<i>Durativo</i>	
Mais de uma vez	*	<i>Iterativa</i>	<i>Habitual</i>

Quadro 1: Esquema básico das relações aspectuais imperfectivas

Assim, o passado imperfectivo é um rótulo amplo que recobre uma escala de valores dentro da imperfectividade, do mais ao menos específico: *progressivo*, *durativo* e *iterativo*, como em (5), (6) e (7), respectivamente. O valor habitual, o menos específico na escala do imperfectivo, apresenta correlação categórica com a forma IMP.

- (5) F Eu li do Marcos Rey, “Sozinha no Mundo”, que eu gostei.  
E Como é que era?

<sup>3</sup> O aspecto habitual recobre uma situação sistematicamente repetida em diferentes ocasiões, presente, passado, ou ambos. A habitualidade pode, ainda, se desdobrar em aspecto iterativo e frequentativo. O aspecto iterativo codifica uma situação que é repetida em uma ocasião específica. Este tipo de aspecto tem restrições lexicais. Já o aspecto frequentativo abarca o sentido habitual, mas especifica a frequência da ação durante o período de tempo. Uma situação que manifesta aspecto contínuo, seja dinâmica ou estática, caracteriza-se por estar em andamento em relação ao ponto de referência. Já o *progressivo* codifica uma situação em andamento em relação ao ponto de referência em predicados dinâmicos.

<sup>4</sup> Para estabelecer a classificação das nuances de imperfectividade, foram consideradas especialmente as propostas de Castilho (2003) e de Wachoviz (2003).

F Que conta a história de uma menina, que ela *ia* pra Serra Azul procurar um tio dela, né? que mandava dinheiro pra ela e pra mãe dela. Daí, quando ela *estava indo*, ela conheceu uma família muito legal, né? (SC FLP FGJ 07)

(6) No judô uma coisa que marcou foi, eu era, acho, faixa laranja. Meu irmão também na época *fazia* judô, meu irmão mais velho, né? *fazia* judô, e a Suzana deu um, entrou um fioitôxi e caiu com o cotovelo em cima da barriga dele e hoje aquela imagem já, hoje essa, até hoje a imagem fica gravada na minha cabeça (SC FLP MJC 01)

(7) Ah! eu quando *ia* pra casa do meu irmão eu tinha dezesseis anos, dezesseis pra dezessete. (SC FLP MJP 10)

Há ainda os casos aspectualmente ambíguos, como em (8), ou seja, casos em que não é possível definir qual o valor aspectual considerado naquele contexto, provavelmente porque a especificação aspectual do imperfectivo não era relevante para a situação comunicativa.

(8) Ah! eu quando *ia* pra casa do meu irmão eu tinha dezesseis anos, dezesseis pra dezessete. É que eu *brigava* muito aqui, né? se juntava com o meu primo, *estava brigando* muito. (SC FLP MJP 10)

As situações expressas por “brigar” neste exemplo são difusas, permitindo ao analista fazer diversas leituras aspectuais, como uma situação habitual, ou seja, habitualmente havia briga em família. Pode-se pensar em uma briga que seja durativa, ou seja, os primos viviam uma constante briga aos dezesseis anos do falante. Ou, ainda, pode-se pensar em uma briga progressiva, que ficava mais intensa a cada dia, remetendo a uma leitura aspectual progressiva.

A especificidade do aspecto imperfectivo expresso nesta situação não parece ser relevante nem para o falante, nem para o ouvinte; trata-se de um caso ambíguo. Assumindo as premissas da gramaticalização, a ambiguidade é uma consequência de um processo de mudança, estado em que os usos não se encaixam nas categorias prototípicas. O caso de (8) não é prototipicamente iterativo, nem prototipicamente durativo, nem habitual, nem progressivo, é um híbrido das categorias – já que a linha demarcatória das fronteiras não é clara nem precisa – cujo valor não parece ser relevante, neste contexto. A ambiguidade é decorrente do de uma mesma forma assumir diferentes valores, que, dependendo da relevância para a situação comunicativa, pode ou não ser desfeita, por meio de paráfrase ou repetição. O controle dos valores aspectuais do passado imperfectivo tem como propósito evidenciar a atuação do *layering*, princípio das camadas (HOPPER, 1991). Assim, a frequência do progressivo, o valor aspectual mais específico, deve estar correlacionada à forma PPROG; a frequência do iterativo, por conta da sua proximidade do valor habitual (categórico para IMP) deve estar associada à forma IMP. Antes de partir para a apresentação dos resultados quantitativos, a trajetória de gramaticalização das formas é apresentada na seção a seguir.

## 2. Gramaticalização dos valores aspectuais

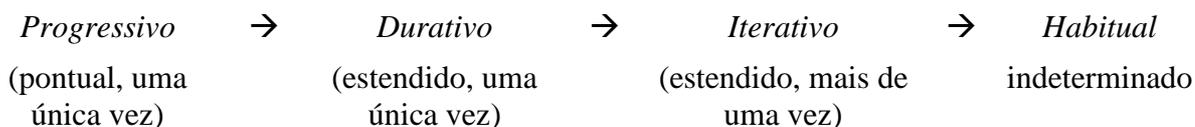
No plano gramatical, a recorrência de certa forma em certo contexto tende a levar à convencionalização, ou, no modelo evolutivo, à replicação alterada, que é motivada funcionalmente, dirigida e em processo unidirecional – gramaticalização. Apesar de ser um processo predominantemente social, a seleção pode ser funcionalmente motivada pela mudança histórica e pela variação translinguística existente, o que levaria a universais de

mudança linguística. Bybee (2003) sugere que a mudança linguística também segue trajetórias universais de desenvolvimento diacrônico. Para o domínio do presente/imperfectivo, a autora sugere três trajetórias que ocorrem com relativa regularidade nas línguas: a do progressivo como originário de um locativo; a da reduplicação para o iterativo; e a do progressivo que se torna imperfectivo genérico.

A dinamização da trajetória de mudança do imperfectivo gera o que Hopper (1991) chama de *layering*, camadas. A coexistência de camadas, ou seja, a coexistência de diferentes formas, leva à situação de estratificação/variação. Torres Cacoullós (2001) revê o princípio das camadas. Segundo a autora, o termo ‘layering’ pode ser visto em duas perspectivas nos estudos de gramaticalização, e ambas são essenciais para garantir a aproximação com a teoria variacionista. Na proposta original de Hopper (1991), o princípio das camadas é explorado em termos da sua *diversidade formal*. Porém o princípio das camadas pode ser explorado no que Torres Cacoullós chama de *polissemia*. A abordagem de camadas como polissemia é a adotada, por exemplo, por Thompson e Mulac (1991), ao discutir a gramaticalização dos parentéticos epistêmicos no inglês, em que *I think* como núcleo de oração principal (*I think that...*) coexiste com *I think*, parentético epistêmico.

A gramaticalização resulta em camadas de dois tipos, que são complementares: formal e semântico. Na expressão do passado imperfectivo verifica-se a atuação do princípio das camadas como “diversidade formal”, variação sincrônica entre diferentes formas no mesmo domínio funcional: duas formas, IMP e PPROG, que funcionam como equivalentes semânticos do ponto de vista da expressão da imperfectividade. No fenômeno também se verifica a atuação do princípio das camadas como “polissemia”, ou variação sincrônica entre diferentes valores da mesma forma, o que é comprovado pela existência de uma gama de valores do imperfectivo, do progressivo ao iterativo, passando por casos ambíguos. A perspectiva diacrônica se encarrega de providenciar uma solução para o problema das diferenças de significado nas variáveis sob gramaticalização, por meio de sobreposição ou especialização de funções (TAVARES, 2003).

Considerando os domínios funcionais salientes na expressão do passado imperfectivo, e transformando os critérios para a definição dos valores aspectuais do imperfectivo, em parâmetros para a determinação de instâncias de gramaticalização (recorrência da situação e extensão do intervalo da estrutura temporal), a trajetória de mudança semântico-discursiva para as formas é a seguinte:



A trajetória traça a transferência semântica que ocorre no processo, por estágios de sobreposição de valores ( $A \rightarrow A/B \rightarrow B$ ), modelo que Heine et alii (1991) denominam de *reinterpretação induzida pelo contexto*. A reinterpretação induzida pelo contexto consiste na transição gradual e contínua de um significado A para um significado B que está presente no contexto, mesmo que implicitamente, por meio de inferência. Tome-se um contexto em que a forma A, além do valor A, permita a inferência de um valor B, por contiguidade (processo metonímico). Em dado momento, o valor B convencionaliza a inferência e dá-se a mudança.

A correlação entre forma e função, mais especificamente, PPROG → aspecto imperfectivo progressivo e IMP → aspecto imperfectivo habitual, aponta para a possibilidade de as trajetórias de gramaticalização das formas serem opostas, indicando a tendência à especialização de usos. Ou seja, PPROG parte do progressivo ao habitual, enquanto IMP parte do habitual ao progressivo. As trajetórias são opostas porque partem de domínios funcionais

diferentes: PPROG sai do domínio aspectual estrito do imperfectivo ao genérico; IMP sai do domínio da modalidade e chega ao domínio do aspecto, via *habitual*, como apresentado nas seções a seguir.

## 2.1. Do aspecto estrito ao aspecto genérico

Para PPROG, a trajetória segue a delineada por Torres Cacoulios (2001) que, na sua análise do espanhol, aponta que a perífrase *estar* + gerúndio, diacronicamente, perdeu o sentido locativo espacial estrito por conta de esvaziamento semântico decorrente da gramaticalização, assim como ocorre no português, e expandiu o sentido aspectual para imperfectivo. Na trajetória de gramaticalização, quanto às propriedades semânticas do auxiliar, o valor aspectual progressivo perde o sentido específico, assumindo o sentido genérico de imperfectivo, por conta da generalização semântica ou *bleaching* (BYBEE; PERKINGS; PAGLIUCA, 1994). No espanhol falado no México, as construções *estar* + gerúndio e *andar* + gerúndio recobrem um leque de usos no território do imperfectivo, do progressivo ao habitual, funcionando, inclusive, como variantes de uma variável socialmente estratificada. A direção da mudança é *progressivo* → *durativo* → *iterativo* → *habitual*.

## 2.2. Da modalidade ao aspecto

Para IMP, a trajetória parte do domínio da modalidade. O estudo de Travaglia (1987) sugere uma classificação para o IMP que considera o grau de afastamento da realidade que o falante atribui à situação, que, segundo o autor, é capaz de explicar quase todos os usos discursivos do IMP: “esta se caracteriza por *permitir ao falante afastar um processo verbal da realidade* (seja este afastamento real ou apenas da perspectiva do falante) e *não se comprometer perante o ouvinte em virtude do que diz, afastando de si qualquer responsabilidade pelo enunciado na situação de enunciação* (TRAVAGLIA, 1987, p. 85, grifos do autor). As relações de afastamento da realidade e de comprometimento/descomprometimento do falante acerca do conteúdo proposicional estão no domínio da modalidade.

A classificação de Travaglia pode ser vista como um contínuo de gramaticalização, que se materializa na forma de um gradiente de afastamento da realidade. Esta proposta parece ter equivalente no francês: De Mulder (2004) argumenta que o IMP, no francês, funciona como um sinalizador para indicar que a situação expressa deve ser interpretada como atual, em andamento, em um espaço mental que é diferente do espaço de base – o espaço relatado pelo aqui e agora do falante. De acordo com De Mulder, o sentido primário do IMP é indicar que a situação está vinculada a outra atualidade/espaço mental, o que significa afastamento da realidade; valor próximo do proposto por Travaglia (1987) para o português. O afastamento da realidade pode ser associado à codificação de modalidade *irrealis*, valor prototípico de outras formas verbais com as quais o IMP pode variar. A variação está prevista, em alguns casos, nas gramáticas normativas da língua portuguesa, como a variação entre IMP e futuro do pretérito e, em outros casos, não, como a variação entre IMP e pretérito imperfeito do subjuntivo.

De acordo com Travaglia, “o falante usa o pretérito imperfeito do indicativo sempre que deseja ou precisa se afastar (fugir, escapar, ausentar-se) da realidade ou vê ou quer apresentar um fato como fora da realidade, afastando de si qualquer responsabilidade ou comprometimento pelo que diz, ante o ouvinte” (TRAVAGLIA, 1987, p. 70), valor que

abarca, por exemplo, os usos como o de situações de fantasia do faz-de-conta infantil, como ilustra o primeiro verso da música *João e Maria*, de Chico Buarque e Sivuca, em (9).<sup>5</sup>

- (9) Agora eu *era* o herói/ E o meu cavalo só *falava* inglês/ A noiva do cowboy *era* você/  
Atrás de outras três

Os outros usos abarcados pela definição são o *imperfeito de polidez* ou *cortesia*, em (10), *pergunta indireta e delicada*, em (11), *situação de compra*, em (12), *hipótese sem condicional*, em (13), e a *hipótese com condicional*, em (14).

- (10) Será que você não me emprestava seu livro?  
Você *segurava* minha bolsa enquanto eu telefono?
- (11) João disse que você *fazia* belos calçados.
- (12) Comprador: Você não *tinha* aí uma lapiseira de 3 mm?  
Vendedor: Não. Só tenho de 5 e de 7 mm.
- (13) Eu estou tão cansado. Eu *precisava* descansar.
- (14) Se ele viesse, eu *falava* com ele. O patrão é porque não tem força. Tivesse ele os meios e isso *virava* um fazendão (CUNHA, 1972, p. 317)

Já o outro valor proposto “ou não está presente ou aparece tão atenuado que fica difícil dizer se ele realmente está presente ou não” (TRAVAGLIA, 1987, p. 81). Esses valores não têm sido contemplados com estudos, possivelmente porque não costumam ser associados a uma forma variante. São as descrições estáticas (15), o hábito (16), as descrições dinâmicas (17), o passado simultâneo a outro (18) e o passado que se estende até o presente (19), ilustrados a seguir.

- (15) A cidade *era* muito calma. Quase não *havia* barulho.
- (16) Nos fins de semana, ele *visitava* os pais na fazenda.
- (17) Debaixo de um itapicuru, eu *fumava* e *apreciava* a tropilha de cavalos, que *retouçavam* no gramado vasto. A cerca *impedia* que eles me vissem.
- (18) Quando minha irmã *arrumava* as malas, o noivo a chamou ao telefone, para terminarem tudo.
- (19) Obrigado, há vinte e quatro horas eu não *comia*.

Nesses usos, os valores temporais-aspectuais são mais salientes do que os valores modo-temporais. Temporalmente, esses usos caracterizam situações que ocorrem em um momento anterior ao momento da fala. Em alguns casos, a situação tem um limite determinado, ainda no momento anterior ao da fala, e em outros, como no caso do passado que se estende até o presente, a situação pode perdurar para além do momento da fala.

---

<sup>5</sup> Os exemplos (9)-(19) foram retirados de Travaglia (1987).

Considerando a proposta de Travaglia, a trajetória de gramaticalização de IMP é estabelecida em função do grau de afastamento da realidade. Os contextos em que a forma pode intercambiar com PPROG são aqueles em que o afastamento da realidade não é tão saliente. O mecanismo específico atuante no processo de gramaticalização de IMP é o mesmo de PPROG, a generalização semântica. Porém, a trajetória parece ser contrária à de PPROG, ou seja, *habitual* → *iterativo* → *durativo* → *progressivo*, ou da modalidade ao aspecto. A ligação entre aspecto e modalidade na expressão do passado imperfeito é o valor habitual. Via modalidade, o valor habitual deriva o valor iterativo (CRISTOFARO, 2004).

O afastamento/distanciamento da realidade é uma nuance do domínio funcional da modalidade, na medida em que o afastamento implica baixa adesão com o conteúdo proposicional, ao passo que a aproximação implica adesão ao conteúdo proposicional. Givón (1995, p. 116) aponta que a correlação entre tempo-aspecto e modalidade epistêmica é fortemente previsível, especialmente passado/perfeito, correlacionado ao *realis* ou pressuposição; presente/progressivo, correlacionado ao *realis*; futuro, correlacionado ao *irrealis*; e habitual, correlacionado ao *irrealis* e/ou *realis*. A correlação tempo-aspecto/modalidade epistêmica apontada por Givón é discutida por Fleischman (1995), mais especificamente imperfeito e *irrealis*. Há, segundo Fleischman (1995), indícios sincrônicos e diacrônicos da possibilidade de correlação entre a categoria aspectual imperfeito e a modalidade *irrealis*. A manifestação desses indícios se dá por meio do uso de formas verbais marcadas pelo aspecto imperfeito para codificar uma gama de sentidos e funções sob o domínio modal do *irrealis*. É o que ocorre com a trajetória de IMP, com base no critério de afastamento/distanciamento da realidade proposto por Travaglia (1987).

A história gramatical de IMP também se reflete na sua distribuição sincrônica, asseverando o princípio da persistência. A trajetória de gramaticalização de IMP parte de domínio diferente do de PPROG. O afastamento/distanciamento da realidade é uma nuance do domínio funcional da modalidade, na medida em que o afastamento implica baixa adesão com o conteúdo proposicional, ao passo que a aproximação implica adesão ao conteúdo proposicional.

### 3. Variação e gramaticalização no passado imperfeito: evidências quantitativas

Tradicionalmente, os estudos de gramaticalização têm focado a definição de trajetórias, seguindo o princípio de unidirecionalidade da mudança, do concreto ao abstrato, do menos gramatical ao mais gramatical. Entretanto, estudos mais recentes têm adotado a frequência de uso da função (dimensão quantitativa), e não somente a ocorrência (dimensão qualitativa), na definição de trajetórias e contínuos de gramaticalização (FREITAG, 2003; GONÇALVES, 2007). Assumindo essa perspectiva, um estudo quantitativo da variação na expressão do passado imperfeito pode respaldar as hipóteses de trajetórias propostas (do aspecto à modalidade, no caso da forma PPROG; e da modalidade ao aspecto, no caso da forma IMP), apontando indícios, inclusive, de qual das trajetórias é a mais plausível para explicar a expressão do passado imperfeito no português. Para verificar esta hipótese, foi constituído um corpus composto por 36 entrevistas do Banco de Dados VARSUL, de onde foram coletadas 882 ocorrências da função semântico-discursiva “passado imperfeito”, tal como apresentada no início deste texto, das quais 546 são realizadas pela forma IMP e 336 são realizadas pela forma PPROG. Os dados foram submetidos a tratamento estatístico nos moldes da sociolinguística variacionista, com o cálculo de percentuais e pesos relativos.

A análise dos dados aponta correlações interessantes em termos de forma e função na expressão do passado imperfeito em português. Os resultados são apresentados na tabela 1. Considerando que a função está relacionada ao aspecto, os resultados foram ordenados em função da escala aspectual, do sentido mais estrito ao mais amplo (*progressivo* > *durativo* >

*iterativo > ambíguo*), com IMP como valor de aplicação da regra. O valor habitual é categoricamente expresso pela forma IMP, e, por isso, foi retirado da análise estatística.

Aspecto	Peso Relativo	%	Apl./total
<i>Progressivo</i>	0,17	20,0	12/60
<i>Durativo</i>	0,49	62,3	384/616
<i>Iterativo</i>	0,76	84,3	59/70
<i>Ambíguo</i>	0,57	66,9	91/136
Total		61,9	546/882
	Input: 0,65	Log. -457,819	Sig.: 0,000

Tabela 1: Valores de IMP para a variável valor aspectual do imperfeito

Quanto ao valor aspectual expresso, o passado imperfeito durativo é a função que mais contabiliza ocorrências, com 616 de um total de 884. O imperfeito durativo é o valor aspectual que Bertinetto, Ebert e De Groot (2000) atribuem às situações que são concebidas como em desenvolvimento em relação a um intervalo temporal. O excerto (20) traz duas ocorrências de aspecto durativo, com as duas formas sob análise.

- (20) Então ele *queria* a bola pra jogar um pouco, aí o meu primo não quis dar, aí eles *estavam soltando* pipa, aí o meu primo foi lá, rasgou a pipa dele toda, aí começo, né? a briga assim. (SC FLP MJC 13)

O ponto de referência passado se realiza na forma de um intervalo que pode ser recuperado no contexto discursivo, o qual é base para as situações de *querer a bola* e de *estar soltando pipa*. As situações são apresentadas como em andamento em relação ao intervalo estabelecido pelo ponto de referência; característica do valor aspectual progressivo durativo.

Em termos translinguísticos, nas línguas românicas, conforme os dados do Projeto EUROTYP (BERTINETTO; EBERT; DE GROOT, 2000), a expressão do aspecto durativo se alterna entre as formas IMP e PPROG: além do romeno e do francês, o italiano e o espanhol também tendem a preferir a forma IMP para expressar o valor aspectual progressivo durativo, enquanto o catalão faz uso da forma PPROG. O português (europeu) é classificado como língua que adota a forma IMP, embora a variedade brasileira também faça uso de PPROG, como ilustrado acima. Os resultados obtidos – peso relativo de 0,51 para IMP e 0,49 para PPROG – reforçam o argumento de que o português tem uso variável entre IMP e PPROG para expressar passado imperfeito durativo.

Os valores aspectuais progressivo e iterativo apresentam valores absolutos de recorrência próximos, 60 e 70, respectivamente, mas baixos se contrapostos aos 616 que o aspecto imperfeito durativo contabiliza. Entretanto, o cálculo dos pesos relativos aponta que os valores mostram-se fortemente correlacionado com uma forma prototípica para sua expressão. O valor aspectual de passado imperfeito progressivo está associado à forma PPROG, com peso relativo de 0,83, ao passo que o valor aspectual de passado imperfeito iterativo associa-se à forma IMP, com peso relativo de 0,76. A visualização dos pesos relativos no gráfico 1 evidencia a correlação entre formas e funções, ou como atua o princípio das camadas.

Os dados classificados como ambíguos perfazem a segunda maior totalização de ocorrências. A ambiguidade, como apontado anteriormente, é uma consequência do processo de gramaticalização, e a decisão metodológica de controlar os dados ambíguos na análise quantitativa tem como motivação o caráter fluido e contínuo do processo, captando uma instância em que as formas ainda não adquiriram totalmente as características da função-alvo

e também não perderam as características da função-fonte. Dos 882 dados, 136 foram considerados ambíguos. Os resultados mostram que a ocorrência de aspecto imperfeito ambíguo predomina com a forma IMP, que concentra 66,9% das ocorrências. O peso relativo de 0,57 corrobora a tendência.

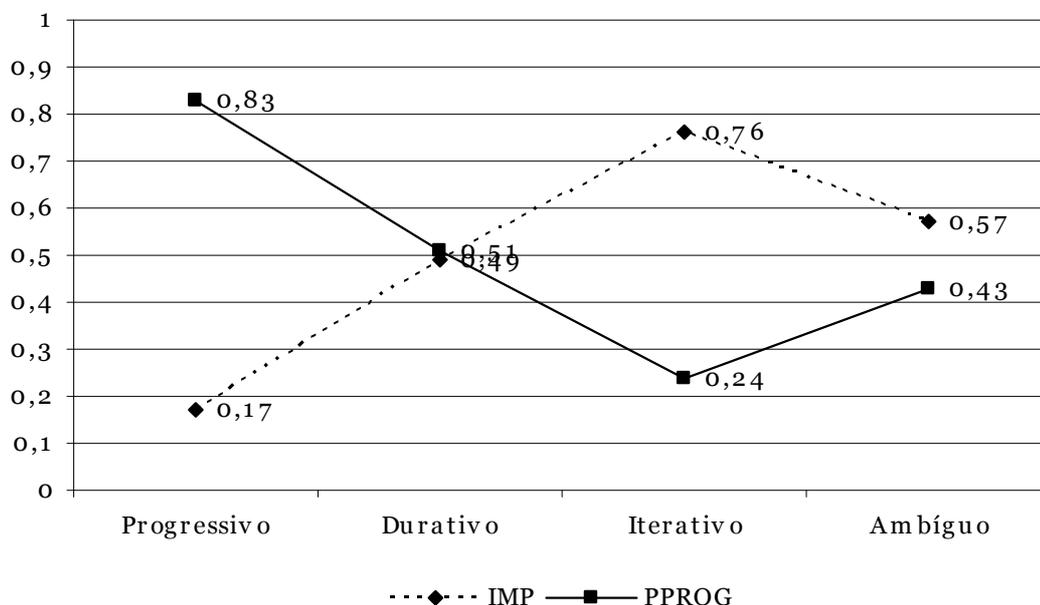


Gráfico 1: Pesos relativos de IMP e PPROG na expressão de passado imperfeito em função dos valores aspectuais

A análise quantitativa mostra evidência para a polarização entre formas e funções, encaminhando-se para a prototipicidade. Assim, a forma PPROG está fortemente associada à expressão do aspecto imperfeito progressivo, e a forma IMP está fortemente associada à expressão dos aspectos imperfeitos iterativo e habitual. As trajetórias da modalidade ao aspecto *habitual* → *iterativo* → *durativo* → *progressivo*, e do aspecto estrito ao genérico, *progressivo* → *iterativo* → *durativo* → *habitual*, são referendadas pelos dados quantitativos.

Os dados quantitativos podem auxiliar ainda mais no delineamento da trajetória das formas de expressão do passado imperfeito. Considerando a proposta de análise sob a ótica da sociolinguística, e os estudos de interface entre a sociolinguística e a gramaticalização, é interessante cotejar a trajetória quantitativa delineada com as faixas etárias dos indivíduos que compõem o corpus considerado. A variável faixa etária foi apontada como estatisticamente significativa na análise realizada. O corpus em questão está estratificado em três faixas etárias: jovens (15 a 24 anos, preferencialmente 15 a 20 anos); faixa A (25 a 49 anos, preferencialmente 25 a 45 anos); e faixa B (mais de 50 anos, preferencialmente 55 a 75 anos). Esta distribuição retrata parcialmente o curso da vida linguística, faltando apenas a infância. Os resultados da distribuição dos valores aspectuais do passado imperfeito função da faixa etária são apresentados no gráfico 2 e corroboram as trajetórias de gramaticalização propostas.

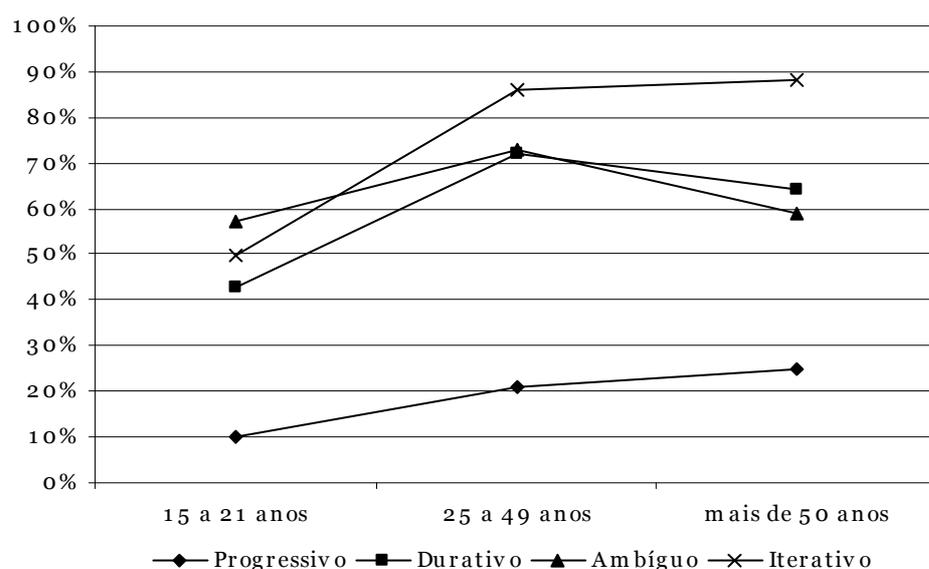


Gráfico 2: Distribuição das frequências de IMP na expressão do passado imperfeito nas faixas etárias em função do valor aspectual

A curva delineada em função da faixa etária é ascendente para os valores progressivo e iterativo (lembrando que é categórico para o valor habitual). A curva também pode indicar qual a forma conservadora e qual a forma inovadora para expressar a função de passado imperfeito. O uso da forma IMP é fortemente restringido entre os mais jovens, tendo incremento no uso nas faixas etárias mais altas, notadamente na faixa etária acima dos 50 anos. Por outro lado, os resultados apontam que a forma inovadora é PPROG. O valor progressivo, o valor aspectual mais específico do imperfeito, sinaliza a implementação de PPROG: quanto mais jovens, maior o percentual de uso da variante inovadora.

A correlação entre valor aspectual e faixas etárias também é verificada por Mendes (2005) na análise da variação entre *estar + gerúndio* e *ter + participio* na expressão dos aspectos iterativo e continuativo.

Os resultados estatísticos de Mendes (2005, p. 123-24) apontam que, prototipicamente, a forma *ter + participio* está associada à expressão do aspecto iterativo, enquanto *estar + gerúndio* está associada à expressão de aspecto continuativo. Porém, ao cruzar os dados da categoria aspectual com a faixa etária dos informantes analisados, o autor constata que a polarização prototípica se verifica nas faixas etárias mais elevadas, enquanto o uso das faixas etárias mais jovens é predominantemente ambíguo.

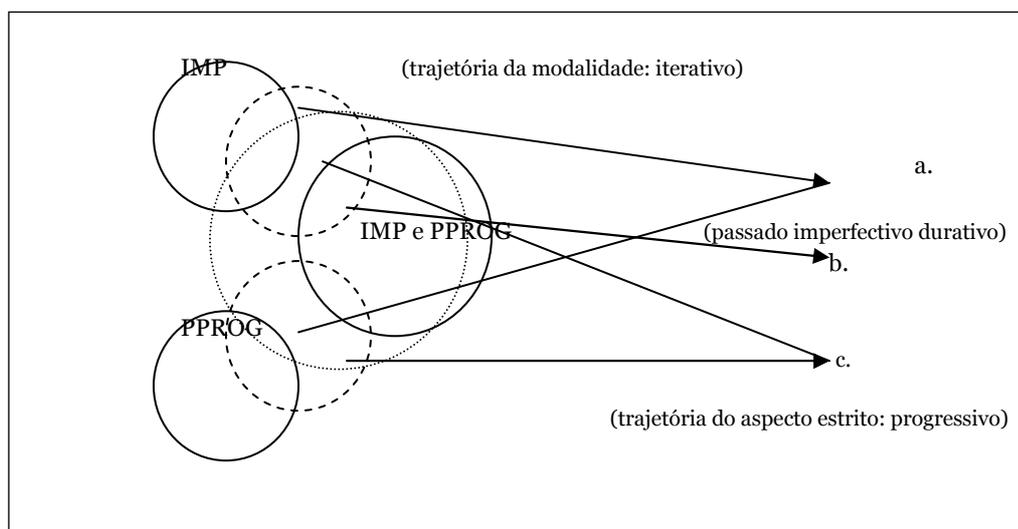
Na expressão do passado imperfeito, no entanto, não parece haver uma polarização entre valor aspectual de forma tão marcada quanto a encontrada por Mendes (2005), como atesta o cruzamento das variáveis faixa etária e tipo de aspecto imperfeito, na tabela 2.

Tipo de aspecto	Faixa etária							
	15 a 21 anos		25 a 49 anos		Mais de 50 anos		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Progressivo</i>	1/10	10	7/34	21	4/16	25	12/60	20
<i>Durativo</i>	75/176	43	248/344	72	61/96	64	384/616	62
<i>Ambíguo</i>	13/23	57	59/81	73	19/32	59	91/136	67
<i>Iterativo</i>	2/4	50	42/49	86	15/17	88	59/70	84
Total	213	43	508	70	161	61	882	

Tabela 2: Tabulação cruzada das variáveis *faixa etária* e *tipo de aspecto imperfeito* (valor de aplicação: IMP)

Os jovens assumem papel de vetores na implementação de PPROG como forma de expressão de passado imperfeito, configurando um quadro de *mudança em tempo aparente* (LABOV, 1994).

O fenômeno da variação entre IMP e PPROG na expressão do passado imperfeito ilustra a atuação da direcionalidade da gramaticalização (quadro 2).



Quadro 2: Sobreposição de camadas na trajetória aspectual de IMP e PPROG

A trajetória de cada uma das formas é refletida na sua distribuição na camada sincrônica, em termos de frequência. Essa polarização indica que as formas vêm de trajetórias de gramaticalização distintas: uma relacionada com a expressão de modalidade (IMP) e outra relacionada à expressão de aspecto imperfeito estrito (PPROG). Porém, em dado momento, as trajetórias se sobrepõem, especificamente no domínio do aspecto imperfeito durativo: há sobreposição de camadas por diversidade formal e também por polissemia, uma vez que uma mesma forma pode expressar diferentes matizes aspectuais do passado imperfeito.

Os círculos com linha cheia são os domínios aspectuais específicos, correspondentes a valores aspectuais do imperfeito: IMP é prototipicamente relacionado ao iterativo; PPROG é prototipicamente relacionado ao progressivo (a.). Os círculos tracejados são as camadas transitórias, que estabelecem relação entre o valor aspectual de origem – iterativo e progressivo – e o valor aspectual alvo, o durativo, por reinterpretação induzida pelo contexto (b.). É nessas camadas que surgem as situações aspectualmente ambíguas, ou seja, as que não ficam na interseção entre o círculo tracejado e o círculo de linha contínua. O círculo pontilhado representa o domínio da expressão do passado imperfeito, que recobre matizes desde o aspecto progressivo até o iterativo, incluindo os casos ambíguos e, principalmente, o aspecto durativo (c.). A sucessão das camadas se dá de modo a sempre estabelecer vínculo com a camada anterior; às vezes, os elementos não preenchem os traços prototípicos nem de um domínio nem de outro, o que gera a ambiguidade na instância transitória, que tende a se resolver quando a mudança atinge o domínio alvo.

A análise quantitativa realizada permitiu apontar que a polarização entre formas e contextos de recorrência é consequência das trajetórias de gramaticalização pelas quais passam as formas IMP e PPROG, e que, socialmente, a variação na expressão do passado imperfeito está relacionada com a gradação etária dos informantes.

## Considerações finais

As trajetórias de mudança das formas de expressão do passado imperfectivo no português transitam entre os domínios do aspecto e da modalidade. A análise quantitativa forneceu indícios sincrônicos de como as formas e as funções distribuem-se nas trajetórias delineadas. Assim, considerando a distribuição dos usos em função da gradação etária dos indivíduos que compõem a amostra analisada, os jovens mostram-se como vetores da implementação da forma PPROG para a expressão de passado imperfectivo. Ainda considerando que a habitualidade é o valor mais associado à forma IMP, é possível projetar que a forma PPROG pode vir a se especializar na expressão do passado imperfectivo no português, suplementando IMP (que ainda conta com 62% de aplicação no aspecto durativo, o mais propenso à variação nas formas), que se especializa em outra função, como a expressão da habitualidade.

A análise da variação na expressão do passado imperfectivo sob a ótica da gramaticalização corrobora a existência de um componente cognitivo universal (a trajetória do imperfectivo, do futuro, por exemplo), que pode ser incorporada ao rol dos universais da mudança, apontando para a regularidade e determinação da mudança em certos domínios funcionais. A análise também evidencia o poder explanatório da frequência de uso nas análises de fenômenos em processo de gramaticalização, uma vez que os dados quantitativos corroboraram a trajetória proposta considerando o contínuo do concreto ao abstrato.

Os resultados deste estudo, correlacionando formas e funções relacionadas à expressão do passado imperfectivo, vêm a contribuir para as descrições do comportamento do aspecto verbal em português, categoria não contemplada diretamente nas gramáticas normativas da língua, e que, por isso, costuma ser negligenciada nos programas de ensino de língua materna e também nos destinados para o ensino de português como língua estrangeira para falantes de línguas anglo-germânicas, que não possuem uma forma para pretérito imperfeito do indicativo e o *past progressive* tem usos muito restritos, além de falantes de línguas eslavas, que codificam as diferenças aspectuais diretamente na morfologia verbal.

*ABSTRACT:* Verbal categories in Portuguese are affected by changes in tense, aspect and modality domains. In this text two past paths for the imperfective past are presented: first path is from strict to generic aspect and the second path is from modality to aspect domain. VARSUL's spoken data are analyzed for investigate the imperfective past change. Quantitative data are evocated to asseverate the proposed paths and the grammaticalization of imperfective past values in Portuguese. Results point that the change path for imperfective past forms follow the unidirectional grammaticalization path and the age graded for the VARSUL's subjects denote change in apparent time.

*Key words:* grammaticalization; verbal categories; linguistic change.

## REFERÊNCIAS

- BERTINETTO, P. M.; EBERT, K.; DE GROOT, C. The progressive in Europe. In: DAHL, O. (ed.). *Tense and aspect in the languages of Europe*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2000, p.517-558.
- BYBEE, J.; PERKINGS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the language of the world*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- BYBEE, J. Cognitive processes in grammaticalization. In: TOMASSELO, M. (ed.). *The New Psychology of Language*, vol. 2. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2003, p. 145-167.

CAMPOS, O.; RODRIGUES, A.; GALEMBECK, P. A flexão modo-temporal no português culto do Brasil: formas de pretérito perfeito e imperfeito do indicativo. In: CASTILHO, A.; BASÍLIO, M. (org.). *Gramática do Português Falado: as abordagens*. Campinas: Ed. da Unicamp/FAPESP, vol. IV, 1993. p. 35-78.

CARDOSO, A.; PEREIRA, S. Contributos para o estudo da emergência do tempo composto em português. *Revista da ABRALIN*, vol. 2, n. 2, p. 159-181, 2003.

CASTILHO, A. Aspecto verbal no português falado. In: ABAURRE, M; RODRIGUES, A. (orgs.). *Gramática do português falado – novos rumos*. Campinas: Editora da Unicamp, vol. VIII, 2003. p. 83-121.

COAN, M. *Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais que) perfeito*. 1997 177 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

COAN, M. *As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente*. 2003, 232 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

COMRIE, B. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

COSTA, A. *A variação entre formas de futuro do pretérito e de pretérito imperfeito no Português informal no Rio de Janeiro*. 1997, 168 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras/Linguística. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

CRISTOFARO, S. Past habituals and irrealis. In LANDE, Y. et alii (eds.). *Irrealis i Irreal'nost'*. Moskva: Gnozis, 2004, p. 256-72.

DE MULDER, W. Can there be a nontemporal definition of the french imparfait? - a network approach. In: BRISARD, F; HONDT, S; MORTELMANS, T. (eds.). *Language and Revolution/Language and Time*. Antwerp Papers in Linguistics, 106, 2004.

FLEISCHMAN, S. *Modality in grammar and discourse*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995.

FREITAG, R. M. K. *A expressão do passado imperfeito no português: variação/gramaticalização e mudança*. 2007, 238 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

FREITAG, R. M. K. O papel da frequência de uso na gramaticalização de acho (que) e parece (que) marcadores de dúvida na fala de Florianópolis. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v.7, n.1 e n.2, p.113-132, jul./dez. 2003. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo42.pdf> Acessado em: 18.03.2011.

FREITAG, R. M. K. Problemas teórico-metodológicos para o estudo da variação linguística nos níveis gramaticais mais altos. *Matraga*, v. 16, n. 24, p. 115-132, 2009. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/matraca/matraga24/arqs/matraca24a05.pdf> Acessado em: 18.03.2011.

GIBBON, A. *A expressão do futuro na língua falada em Florianópolis: variação e gramaticalização*. 2000, 127 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.

GONÇALVES, S., 2007. Os efeitos da frequência na mudança linguística via gramaticalização. *Estudos Linguísticos*, n. XXXVI, v. 2, p. 22-31, maio-agosto, 2007.

GORSKI, E. et alii. Variação nas categorias verbais de tempo e modo na fala de Florianópolis. VANDRESEN, P. *Variação e mudança no português falado da região sul*. Pelotas: Educat, 2002. p. 217-268.

HEINE, Bernd, CLAUDI, Ulrike, HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P. On some principles in the grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991. v. 1. p. 17-35.

LABOV, W. *Sociolinguistics patterns*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.

LONGO, B.; CAMPOS, O. A auxiliaridade: perífrases de tempo e aspecto no português falado. In: ABAURRE, B., RODRIGUES, A. (orgs.). *Gramática do Português falado – novos estudos*. Campinas: Editora da Unicamp, vol. VIII, 2003. p. 455-475.

MENDES, R. *Estar + gerúndio e ter + particípio: aspecto verbal e variação no português*. 2005, 243 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

REICHEMBACH, H. *Elements of symbolic logic*. New York: The MacMillan Company, 1947.

RODRIGUES, A. et alii. Formas de pretérito perfeito e imperfeito do indicativo no plano textual-discursivo. In: KOCH, I. (org.). *Gramática do português falado – desenvolvimentos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 415-461.

TAVARES, M. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ, e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. 2003, 307 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

THOMPSON, S.; MULAC, A. A quantitative perspective on the grammaticalization of epistemic parentheticals in English. In: TRAUGOTT, E, HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991. v.2. p. 313-329.

TORRES CACOULLOS, R. From lexical to grammatical to social meaning. *Language in Society*, n. 30, p. 443–478, 2001.

TRAVAGLIA, L. O discursivo no uso do pretérito imperfeito do indicativo no Português. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 12, p. 61-98, 1987.

WACHOWICZ, T. *As leituras aspectuais da forma do progressivo do português brasileiro*. 2003, 240 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

RECEBIDO EM 06/07/2010 – APROVADO EM 13/05/2011